

Algumas palavras da Comissão de Admissão

Em 1985, surge, como desdobramento e sucessor do Curso de Especialização em Psicanálise – compreendido, a partir de então, como um dos segmentos possíveis para a formação de psicanalistas –, o Departamento de Psicanálise. Um Departamento que se viabiliza, por um lado, pelo crescimento e fortalecimento do curso dentro do Instituto Sedes Sapientiae e por seus efeitos no campo psicanalítico mais amplo, e, por outro, pelo desejo de construir uma instituição de formação contínua de psicanalistas, alternativa à IPA (*International Psychoanalytical Association*).

Sua construção nos trará os benefícios e, ao mesmo tempo, as dificuldades que resultam dos complexos movimentos instituintes. Podemos fazer mais e, com sorte, melhor, mas a instituição então construída cobrará, de cada um de seus membros, posicionamentos que, na interface entre o político e o psicanalítico, surgem, por vezes, como um conflito entre a submissão ao coletivo e a apropriação da singularidade.

O Departamento de Psicanálise se torna lugar de referência, proposta de formação; suas posições éticas e políticas se fazem sentir na clínica desenvolvida e aceita por esta associação, trazendo a marca do plural e do diverso que pode despontar em suas produções.

A procura por inserção em seus grupos de estudo e trabalho cresce e faz surgir um dispositivo destinado a cuidar da admissão dos interessados neste pertencimento, vindos ou não do curso *Psicanálise*. Em 1995, é instituída a Comissão de Admissão.

Ao longo do tempo, a Comissão de Admissão se consolida como importante analisador dos movimentos constitui-

vos de nosso Departamento. As especificidades e dissensões que se entrelaçam na formação teórica, as riquezas e propostas inovadoras da clínica em sua diversidade, as produções escritas e seus efeitos no campo psicanalítico chegam à Comissão e nos informam sobre o que compõe nossa associação.

Conceito fundamental da psicanálise, e seu operador clínico por excelência, a transferência vivida na instituição deixa rastros. Nos processos de admissão, é a leitura dos movimentos formativos de cada candidato que nos dá o fio de cada percurso. Seguir este fio até o momento da admissão nos permite vislumbrar o trajeto do candidato em seus pontos de passagem e ultrapassagem, quando, pela força do desejo e dos amores transferenciais, ele pode manifestar sua intenção de se inserir como psicanalista nesta associação. O fio também nos dá mostras dos momentos de criação e dos nós em que se amarra mais fortemente o estilo de cada um no seu fazer clínico.

A forma como o candidato se apresenta e apresenta sua clínica manifesta o latente dos conflitos vivenciados nos diferentes lugares do Departamento. Os impasses criados quando a Comissão se pergunta por critérios mais explícitos de ingresso ou inserção também constituem vias de acesso às tessituras institucionais. Esses são alguns dos motivos pelos quais a aceitação e o veto a candidatos tornam-se, por vezes, trabalho de difícil consenso.

Sabemos que a formação de um psicanalista, ainda que se apoie no tripé análise pessoal, supervisão e estudos teóricos, não traz garantias de um fazer psicanalítico ético, e nem isenta o ofício das marcas próprias aos embates fraticidas

e parricidas. Embates geracionais são uma constante e, não raramente, um porto de ancoragem sintomática para todos. A instituição Psicanálise está, tanto como outras, à mercê das complexidades que advêm das disputas pela instauração de poderes, lugares, funções e novos espaços de formação e transmissão. Mas a história da psicanálise nos ensina que o principal trabalho em suas instituições é, justamente, a assunção e a elaboração do que falha nos vínculos estabelecidos entre os vários elementos e grupos, na comunidade que somos capazes de formar e na inserção de cada um de nós. O desafio maior é conjugar a singularidade e o psicanalítico institucionalizado.

À Psicanálise cabe sempre, e ainda mais quando tornada instituição, o ônus de um incessante trabalho ético, isto é, analisar e criticar os riscos do uso indevido de nosso operador clínico, a transferência. Freud nos legou esse saber: é com a transferência que caminhamos, mas é também por ela que toda a resistência à mudança vem à tona.

O cotidiano do trabalho na Comissão de Admissão nos colocou frente ao desejo de escrever sobre essas inquietações e, quem sabe, suscitar outras. Nosso ofício como psicanalistas nos é caro e nossa marca ao exercê-lo é o cuidado, a reflexão e a seriedade no trato com as singularidades, apareçam elas na clínica ou em um processo de admissão ao Departamento de Psicanálise.

Queremos, com este número temático, colaborar para que o fazer e a ética psicanalíticos não se tornem burocráticos e anacrônicos, ainda que institucionalizados.

A parceria com a revista *Percurso* mostrou-se valiosa para a realização dessa jornada.

COMISSÃO DE ADMISSÃO, BIÊNIO 2009-2011

Anna Maria Alcântara do Amaral,
Anna Mehoudar, Célia Klouri,
Claudia Justi Monti Schönberger,
Cleide Monteiro, Decio Gurfinkel,
Eva Wongtschowski, Noemi Moritz Kon,
Oswaldo De Vitto, Rita Cardeal.